

5

Histórias de avós

O homem mais sábio que conheci em toda a minha vida não sabia ler nem escrever”: com essa frase o escritor português José Saramago inicia o seu discurso de recebimento do Prêmio Nobel de Literatura e apresenta ao público seus avós maternos Jerônimo Melrinho e Josefa Caixinha, que viviam da criação de porcos em uma pequena aldeia do Ribatejo. É a partir da vivência com esses dois familiares que o escritor homenageia aqueles que diz seus mestres da vida. O homem das letras, laureado no estrangeiro com o prêmio máximo da literatura universal, volta aos seus antepassados - esses avós analfabetos de vida simples no campo - para mostrar que transformou essa gente anônima em personagens literárias.

Conta que os coloriu e iluminou com as tintas e luzes da literatura, mas não só isso: ‘recriou por cima do instável mapa da memória’. Na escrita dessa recordação carregada de afeto está feita a homenagem com a intenção de não esquecer. O escritor, portanto, volta às suas origens, recorre a esses familiares de carne e osso para recriar a partir do material que a vida lhe proporcionou. A gente anônima do campo, a imagem que assalta a memória do homem alto, magro e velho que caminha sob a chuva, a árvore genealógica constituída de um avô do Norte da África e outro, pastor e contador de histórias. Saramago diz: “É uma imagem comum, sem beleza, terrivelmente anônima” (SARAMAGO, 1985). No discurso do Nobel, destaca que essas lembranças a ninguém mais importa a não ser a ele mesmo.

"Um dia tinha de chegar em que contaria estas coisas. Nada disto tem importância, a não ser para mim. Um avô berbere, vindo do Norte de África, um outro avô pastor de porcos, uma avó maravilhosamente bela, uns pais graves e formosos, uma flor num retrato - que outra genealogia pode importar-me? A que melhor árvore me encontraria?" (SARAMAGO, 1998)

A vivência é a ponte para a escrita e a criação como o próprio revela. Saramago leva esses avós para as páginas dos livros recriando seus nomes, dando-lhes novas atitudes e fantasiando falas e ações. Feito isso essas personagens acabam por transformar o homem de letras na pessoa que é: criador desses personagens, mas ao mesmo tempo criatura delas.

“Ao pintar os meus pais e os meus avós com tintas de literatura, transformando-os, de simples pessoas de carne e osso que haviam sido, em personagens novamente e de outro modo construtoras da minha vida, estava, sem o perceber, a traçar o caminho por onde as personagens que viesse a inventar, as outras, as efectivamente literárias, iriam fabricar e trazer-me os materiais e as ferramentas que, finalmente, no bom e no menos bom, no bastante e no insuficiente, no ganho e no perdido, naquilo que é defeito mas também naquilo que é excesso, acabariam por fazer de mim a pessoa em que hoje me reconheço: criador dessas personagens, mas, ao mesmo tempo, criatura delas.” (SARAMAGO, 1998)

E de que se trata esse convívio íntimo com os avós? Quais questões permeiam essa vivência de pessoas de referências temporais tão distantes, cujo amor e cuidado causam tamanha proximidade? No discurso do Nobel e nas crônicas ‘Meu avô também’ e ‘Carta a avó Josefa’, José Saramago dá a conhecer observações desses seus avós que o instigaram e o espantaram.

Conta ele que, em noites frias, os avós dormiam abraçados com os animaizinhos mais débeis, não por bondade da alma, apesar de terem sido gente de bom caráter, mas para proteger seu ganha-pão. Também o neto fala de lhes acompanhar ao poço comunitário para buscar água e levar a lenha para o preparo da cama do gado. Observavam as constelações do céu, tiravam a soneca debaixo da figueira. Habitavam uma casa simples, serviam-se dos animais que criavam, e o ato banal de olhar o céu era o espetáculo para entreter suas noites. É desse tempo dos avós que o escritor se refere como uma das importantes fontes criativas da sua escrita. Um mundo de ontem, de escassez, de contato íntimo com a natureza, da palavra falada e não escrita, esse mundo tão distinto do labor erudito das palavras impressas ao qual Saramago se dedicou. Esse mundo que no exercício da escrita é memória e que por isso se reinventa, se recria.

Sendo esse um tempo que se finda aos poucos, que dá lugar a um mundo mais rápido, de outras máquinas e aparatos, de outros saberes e valores. E com eles morre-se um mundo inteiro, crenças, culturas, um outro jeito de se ir vivendo se anuncia. E lá está o neto a observar essa vida acabando. Assiste o corpo do avô decaindo, suas funções já não tão funcionais. Os cabelos brancos, a pele enrugada. Salvo em tragédias que levam a vida dos mais jovens, o avançar em anos dos avós é o primeiro cheiro da morte que sentimos?

Aniversário de noventa e um anos da avó

O dia cansado espanta o desejo de encontrar a avó. Mochila pesada, fome, a urgente necessidade de um banho no corpo que acumula o suor de um dia inteiro. Mas os pensamentos aquietam e dão lugar à seguinte pergunta: Haverá aniversário de noventa e dois anos? Será este o último? Pelo telefone, ela fala alto: 'Marina, eu estou lhe esperando'.

O corpo desperta. Correria. Casa, banho, vestir-se. O mesmo restaurante de sempre, com vista para a praia, o garçom já nosso conhecido, que sempre traz um sorriso e um olhar de afeto vendo avó e neta conversarem de mãos dadas.

Entre uma garfada de pescado, legumes e um gole de vinho, falamos do meu mestrado, das dificuldades, do próximo livro, a nossa viagem à Itália. Muitas lembranças desse tempo nosso. O conselho: 'Marina, é difícil mesmo. Eu adorava dar aula, mas também achava difícil. Precisamos insistir, seguir, enfrentar.'

Na saída, a noite fresca nos convida para um passeio no calçadão. Mesmo com a violência. Mesmo sendo tarde da noite. Mesmo as pernas da velha um pouco reticentes com os passos a mais. 'Vamos?' 'Vamos!'

É a última segunda-feira de novembro, os cariocas e turistas aproveitam para pedalar, jogar vôlei, tomar uma cerveja. Uns correm, outros escutam música, uma criança pede um algodão-doce para o pai.

Eu e minha avó seguimos devagar, braços dados. "Dia desses achei que fosse morrer. Senti uma falta de ar aguda, o peito apertou. Gritei: Genu, estou morrendo, segura a minha mão. Ela me sentou na cadeira, arregalou os olhos me encarando bem de frente, esperando a minha morte chegar."

José Saramago conta que a avó Josefa sentou na soleira da porta, mirou o céu e anunciou o pesar de se despedir do mundo para espanto do neto. Ela não disse medo, mas pena de sair da vida já no avançar de seus noventa anos de duro trabalho no campo. O neto, ao observar de fora essa vida sem conforto, de vocabulário elementar, questiona: Por quê pena? Escreve que no limiar entre vida e morte, aquela ganha uma espécie de beleza revelada.

“Mas porquê, avó, por que te sentas tu na soleira da tua porta, aberta para a noite estrelada e imensa, para o céu de que nada sabes e por onde nunca viajarás, para o silêncio dos campos e das árvores assombradas, e dizes, com a tranquila serenidade dos teus noventa anos e o fogo da tua adolescência nunca perdida: «O mundo é tão bonito, e eu tenho tanta pena de morrer!». É isto que eu não entendo — mas a culpa não é tua.” (SARAMAGO, 1978)

Seu maravilhamento não é menor quando recorda o avô se despedir da vida. Sem saber ou talvez com uma convicção íntima do aproximar da morte, dessas que costumam acontecer com aqueles que se ocupam também dos ciclos da natureza, Jerônimo abraçou cada uma das árvores do seu quintal, dias antes de partir.

“Mas a imagem que me não larga é a do velho que caminha sob a chuva, obstinado e silencioso, como quem cumpre um destino que nada pode modificar. A não ser a morte. Mas, nessa altura, este velho, que é meu avô, ainda não sabe como vai morrer. Ainda não sabe que poucos dias antes do seu último dia vai ter a premonição (perdoa a palavra, Jerónimo) de que o fim chegou, e irá, de árvore em árvore do seu quintal, abraçar os troncos, despedir-se deles, dos frutos que não voltará a comer, das sombras amigas.” (SARAMAGO, 1985)

O neto sobrevive para contar a morte dos avós. Reflete a partir da atitude desses velhos que lhe são caros sobre o ato da despedida e sobre o gosto do viver. Da relação com a morte fala-se da fruição da vida que se levou. E a palavra ‘morte’ que se transformou em tabu do mundo atual mostra-se presente no vocabulário de quem sabe que essa visita se aproxima. A avó que tem pena de morrer. Ou aquela que diz que achava que sua hora se aproximava. Morre-se um pouco no desaparecimento de um avô? Nossos velhos, pelas suas palavras, nos ensinam o duro ofício da passagem? É através da experiência deles que apreendemos ou nos acostumamos ou, talvez até, nos damos conta da finitude desse estar no mundo?

O contar a morte dos avós também implica em sublinhar as palavras e os silêncios que ficaram dos velhos. Uma admiração da sabedoria de calar e contar, a sintonia fina entre o silêncio e narrativa. A transmissão e a omissão. O avô que cala para dizer apenas as palavras de real importância. Esse mesmo avô, pastor contador de histórias, que na habilidade da palavra oral, sem erudição, logra movimentar um mundo inteiro de fantasias, causos e ciências.

“Enquanto o sono não chegava, a noite povoava-se com as histórias e os casos que o meu avô ia contando: lendas, aparições, assombros, episódios singulares, mortes antigas, zaragatas de pau e pedra, palavras de antepassados, um incansável rumor de memórias que me mantinha desperto, ao mesmo tempo que suavemente me acalentava.” (SARAMAGO, 1998)

O mesmo homem, no entanto, com repertório infindável de palavras para tecer personagens, acontecimentos, terror, fábulas e dramas, além de histórias de fantasmas e outros tempos, é aquele metido em si mesmo. Detentor da sabedoria, da quietude silenciosa. Por saber o valor das palavras, opta por torná-las raras, como diamantes esculpidos pelos pensamentos que hesitam.

“Mas o homem que assim se aproxima, vago, entre cordas de chuva que parecem diluir o que na memória não se perdeu, é meu avô. Vem cansado, o velho. Arrasta consigo setenta anos de vida difícil, de desconforto, de ignorância. E, contudo, é um homem sábio, calado e metido consigo, que só abre a boca para dizer as palavras importantes, aquelas que importam. Fala tão pouco (são poucas as palavras realmente importantes) que todos nos calamos para o ouvir quando no rosto se lhe acende qualquer coisa como uma luz de aviso.” (SARAMAGO, 1985)

Histórias e silêncios

Meu avô passou a vida costurando apenas três histórias

A aprovação do meu tio no vestibular de medicina

A dança com o corpo colado na minha avó

Seu aniversário de sete anos na fazenda

Costurava silêncios a minha avó

Silêncios que ela nunca contou

Mas que eu sempre imaginei

Minha avó ouvia

Um dia, ela falou:

Vendemos a casa de Porto Alegre para comprar meu enxoval

Uma casa por um enxoval?

Nunca vou entender

Tenho a vida inteira para imaginar

O calar dos velhos como essa nuvem que queremos tocar. Ou um emaranhado de nós de silêncio que queremos desatar. Como se ali pairasse toda a sabedoria do universo. Imploramos a palavra que nos mostrará um caminho, talvez menos doloroso, menos árduo. Como se a experiência pudesse ser transmitida, como se a palavra sábia pudesse ser alcançada, compreendida. A figura tão clichê

do ancião sábio, recorrente na literatura, no teatro, no cinema. A esperada revelação de quem viveu dia a dia, assistiu no decorrer de um século o acordar e o dormir e isso implica nos sentimentos que experimentou, as dores, decisões, perdas, alegrias. O que se acumula com a vida?

“*De estas cosas no se puede decir palabra*”¹, diz a velha, personagem da peça *Yerma* do poeta e dramaturgo espanhol Federico Garcia Lorca. A jovem protagonista, que dá nome à tragédia, sabe que a velha é a fonte, ela detém o saber, a experiência, sabe no corpo as questões femininas. Por isso, *Yerma* a persegue, diz que faz tempo que queria conversar com uma mulher velha: “*Usted me ha de decir lo que tengo que hacer, que yo haré lo que sea, aunque me mande clavarme agujas en el sitio más débil de mis ojos*”.²

Yerma vive em um pequeno povoado do interior da Espanha. Há dois anos casada, nunca engravidou e não se conforma com sua sina. É através da velha que escutamos a voz do poeta, que compôs um drama vivo da infertilidade para falar sobre o amor, desejo e sexo. Na sua autoridade sábia, a velha traz o silêncio, mas também questionamentos. Diz que há coisas que não se pode dizer, mas insinua mapas de navegação para a jovem desesperada.

Vieja: Oye. ¿A ti te gusta tu marido?

Yerma: ¿Cómo?

Vieja: ¿Que si lo quieres? ¿Si deseas estar con él?...

Yerma: No sé.

*Vieja: ¿No tiembles cuando se acerca de ti? ? No te da así como um sueño cuando acerca sus labios? Dime.”*³

E a velha prossegue: “*Los hombres tienen que gustar, muchacha. Han de deshacernos las trenzas y darnos de beber agua con su misma boca. Así corre el mundo*”⁴ *Yerma*, não entende, por isso, ela se revolta, se indigna.

¹ “Dessas coisas não se pode dizer palavra” (GARCIA LORCA, 1998, p. 48, tradução nossa)

² A senhora me há de dizer o que tenho que fazer, farei o que for. Até cravar agulhas no lugar mais débil dos meus olhos. (GARCIA LORCA, 1998, p. 49, tradução nossa).

³ “Velha: Escuta. Gostas de teu marido?/ *Yerma*: Como?/ Velha: Se o queres? Desejas estar com ele?.../ *Yerma*: Não sei. / Velha: Não tremes quando ele se aproxima? Não te dá assim como um sonho quando se aproxima dos teus lábios? Me conta. (Tradução nossa).

⁴ “Os homens têm que gostar, menina. Devem desfazer-nos as tranças e dar-nos de beber água com sua própria boca. Assim corre o mundo. (tradução nossa)

“Todo se vuelven medias palabras, gestos, porque todas estas cosas dicen que no se pueden saber. Y tú también, tú también te callas y te vas con aire de doctora, sabiéndolo todo, pero negándolo a la que se muere de sed.”⁵

A velha diz, Yerma não pode escutar. A velha também silencia e Yerma lhe implora a palavra. A transmissão da experiência de uma vida inteira está posta em questão na peça do dramaturgo espanhol. Como passar ao jovem o que se viu, viveu e experimentou na carne? Seja no diálogo, na conversa em grupo ou nos livros. Está a sabedoria ao alcance do outro?

Quando li Yerma durante o curso de mestrado para apresentar uma aula sobre Garcia Lorca, só pensava em minha avó. Eram muitas as perguntas que me intrigavam durante a nossa viagem à Itália. A principal delas era minha avó, recém-casada, com apenas dezenove anos, namorando na rede com o meu avô. Por trás dos cabelos brancos, das manchas, das rugas e do seu rosto envelhecido, eu enxergava uma moça cheia de viço, cabelos e olhos com brilho, respirando o vento fresco do fim da tarde numa pequena cidade de praia do Rio Grande do Norte. Descobrimo o sexo com o marido e aflita porque uma cigana havia lido na palma de sua mão que não teria filhos.

Papo de almoço

Foram muitos almoços durante a viagem. Sempre peixe, salada e uma taça de vinho. Ficávamos horas no restaurante, comendo, bebendo e conversando. Muitas vezes em silêncio, de mãos dadas, e isso nunca me causou incômodo. O silêncio ao lado da minha avó era apenas o silêncio ao lado da minha avó.

Às vezes pensava como seria bom perguntar como foi a sua primeira vez. Ou então abordar o assunto proibido: o suicídio do seu pai, fato que só me foi revelado aos quinze anos.

Colecionava perguntas. Ela, no entanto, não era uma amiga para quem eu poderia interrogar qualquer aberração que as mulheres costumam fazer umas às outras quando têm intimidade. Um silêncio imponente e misterioso envolvia aquela anciã. Seus oitenta e seis anos de vida, sessenta e seis deles dormindo e acordando ao lado do meu avô, inspiravam-me um respeito, uma reverência, um ar

⁵ Tudo são meias palavras, gestos, porque todas essas coisas dizem que não se pode saber. E tu também, tu também te calas e vais com ares de doutora, sabendo tudo e negando à que morre de sede. Notas 18, 19, 20, 21: diálogo entre Yerma e a velha no primeiro ato, segundo quadro. (GARCIA LORCA, 1998, tradução nossa)

de autoridade que a palavra indevida nunca ousava ultrapassar a barreira dos meus dentes⁶. Ficava recolhida, consciente de que, diante dessa figura, o silêncio era a melhor saída. Esperar que ela e não eu escolhesse o assunto ou a história que seria abordada naquele momento.

Foi num desses almoços que minha avó contou que seu sonho era estudar turismo. Nunca soube disso. Revelou ainda que passara no vestibular e cursara durante dois meses a faculdade. “Seu avô fez cara feia, não gostava de me buscar, então eu desisti”. Meu avô só tinha o ginásio, minha avó também. Imagino que para ele não havia o menor cabimento ter uma esposa com ensino superior completo se ele mesmo havia parado no ginásio.

Naquele almoço, perguntei se ela se arrependia de algo, se pudesse voltar atrás faria diferente. “Marina, eu fui muito feliz com o seu avô. Eu gostava de chegar em casa, ver meus filhos. Dar aula de datilografia era muito gratificante. Faria tudo de novo”.

“O teu riso é como um foguete de cores. Como tu, não vi rir ninguém. Estou diante de ti, e não entendo. Sou da tua carne e do teu sangue, mas não entendo”, (SARAMAGO, 1978) diz Saramago em Carta a avó Josefa. A velha avó como um enigma. Rara, intratável. A impossibilidade de abri-la para chegar a sua origem. Mesmo sendo da sua carne, do seu sangue, interroga-se “Quem é ela que está diante de mim? De onde vem? E mesmo no esforço de se responder a todas essas questões, investigar o ser amado, não se saberá jamais”.⁷

A velha avó de um outro tempo. Da era do rádio, do telegrama, das cartas de amor, dos armazéns, do tempo em que automóveis eram raros. De um modo de vida já extinto. Aquela que conta as histórias de fadas, princesas, monstros e assombrações. Mas, principalmente, conta as histórias de seu tempo que, no caso, parecem lendas, já que são tão irrealistas aos olhos do hoje. As lavadeiras em círculos esfregando roupas brancas nas margens da Lagoa Rodrigo de Freitas. O circo montado nos areais infinitos do Leblon. Ou ainda os golfinhos da Baía de Guanabara. Os bondes que cortavam a cidade. Tento enxergar na cidade de hoje, o espaço onde minha avó caminhou de braços dados com o meu avô. O parque onde

⁶ Referência a expressão de Homero em Odisseia (Homero, 2011)

⁷ Criação a partir do vocabulário de Roland Barthes no livro Fragmentos de um discurso amoroso. (BARTHES, 1988, p.134)

levou meu pai, aos cinco anos, para brincar com seus amigos. Tento encontrar no rosto enrugado e salpicado de manchas da minha avó, a moça de vinte anos que durante um ano esperou o noivo que fora assumir um posto do Banco do Brasil no Nordeste. E enquanto esperava, montava um enxoval.

Quando observo minha avó, seja cochilando na cadeira de balanço, ou mastigando a comida em silêncio - sempre com dificuldade por causa da dentadura – tenho a impressão de que ela guarda todos os segredos do mundo. Viu um século inteiro desfilar diante dos seus olhos, viveu na carne questões inimagináveis para mim.

Ocorre-me algo como a visão de “El Aleph”, de Jorge Luis Borges. Esse ponto mínimo de apenas dois ou três centímetros, um ponto-instante que é o infinito, que contém todos os atos – deleitáveis e atrozes –, todas as coisas, e onde cada coisa é infinita e pode ser vista de todos os pontos do universo. Um instante gigantesco assim como a vida de um velho.

“Todo lenguaje es un alfabeto de símbolos cuyo ejercicio presupone un pasado que los interlocutores comparten; ¿Cómo transmitir a los otros el infinito Aleph, que mi tenebrosa memoria apenas abarca?”⁸

Walter Benjamin, no ensaio ‘Experiência e Pobreza’ de 1933, questionava se ainda havia a transmissão possível da experiência entre avós e netos. Assombrado com os efeitos da guerra e da modernidade na capacidade da comunicação humana, o alemão pergunta: “Que foi feito de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas?” (BENJAMIN, 1994, p. 114).

O filósofo alemão inicia este texto com a parábola de um velho que na hora de sua morte revela aos filhos a existência de um tesouro nas terras de seus vinhedos. Apesar de cavarem e vasculharem o solo, nada encontram. Chegado o momento da colheita, eles percebem que as vinhas produzem mais que qualquer outra. Pela palavra, o velho apresenta aos mais jovens o tesouro da experiência: cavar com as próprias mãos para ver a vinha produzir, florir e colher os resultados do próprio trabalho. “Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam

⁸ “Toda linguagem é um alfabeto de símbolos cujo exercício pressupõe um passado que os interlocutores compartilham; como transmitir aos outros o infinito Aleph, que minha tenebrosa memória apenas abarca?” (BORGES, 1996, p. 624, tradução nossa)

ser transmitidas de geração em geração como um anel?” (BENJAMIN, 1994, p. 115)

Em outro texto, o filósofo retorna ao tema. “Da Morte de um velho” apresenta a relação entre um velho já avançado em anos e um jovem, os dois ligados por uma forte afeição. Segundo Benjamin, o abismo de gerações resulta em um diálogo com restrições – em que a maioria dos assuntos não pode ser abordada. No entanto, a conversa apresenta peculiaridades e se mostra cheia de frescor, que não seria possível com alguém da mesma idade.⁹

Talvez o mais emblemático ensaio de Benjamin sobre o assunto seja “O Narrador”¹⁰, onde ele apresenta os dois principais arquétipos dos contadores de histórias: o marinheiro comerciante (quem viaja tem muito para contar) e o camponês sedentário (o homem que conhece as tradições e histórias do seu país).

É fato que este texto e os demais trazem inúmeras questões históricas e filosóficas sobre a arte de narrar. Em ‘Experiência e pobreza’, o principal tema que se coloca é como a guerra e os tenebrosos campos de batalhas calaram a geração de 1914 a 1918. Os livros de testemunho da guerra que surgiram nos anos seguintes denunciavam que essas experiências atrozes não eram dignas da palavra falada. Não era possível transmiti-las pela boca, apenas pela escrita.

Já no ensaio “O narrador”, Benjamin analisa como o processo de ruptura da tradição, característica da modernidade, trouxe uma nova forma de se portar diante da vida, de se relacionar com o passado e, também, da substituição da experiência coletiva da narrativa oral para a busca da sabedoria no ambiente privado, na leitura do romance.¹¹

Gostaria de fazer um recorte a partir do pensamento benjaminiano e pensar sobre a questão da transmissão de experiência, do velho que conta, do neto que ouve. A relação avó e neta não seria, de algum modo, uma forma de se relacionar com o passado onde a questão do pertencimento se mostra presente? No ambiente privado, onde a relação afetiva se tece, não está a avó a contar à neta as origens, histórias e personagens da árvore genealógica dessa família, onde a neta se situa, imaginando de onde vem?

⁹ (BENJAMIN, 1995, p. 267).

¹⁰ (BENJAMIN, 1994, p.197)

¹¹ (OLIVEIRA, 2009)

Ademais, a neta torna-se espectadora de um tempo que passa no próprio corpo dessa avó. Os cabelos brancos, o andar que lentamente se torna pesado, os dentes externos à boca e, com isso, o falar e o comer com dificuldades. Portanto, não só essa transmissão da sabedoria que coloca a neta em contato com o passado, mas também com o próprio futuro, com o tempo efêmero do corpo, da vida e da morte. Seria essa vivência, o observar de alguém tão amado se despedindo, uma experiência tão profunda que nos leva a escrever?

Carta 2

Vó, hoje coloquei o ponto final na dissertação. Em breve, eu vou lhe buscar. Fico imaginando a sua cara quando eu lhe mostrar as fotos da viagem reveladas. Estão comigo desde semana passada. Eu precisei de mais de quatro anos para ter coragem de procurar o CD, ver as fotos e enfim revelá-las. Peço desculpas por esse meu tempo lento, vú. Então, quando os membros da banca estiverem lendo essa viagem, essa caixa, nós duas estaremos no nosso restaurante preferido olhando as nossas lembranças, misturando as nossas memórias. Vamos comprar um álbum e você escreverá com sua letra desenho, de quem fez caligrafia: Nápoles, Ilha de Capri, Marina Grande, Anacapri, passeio no teleférico, Monte Solaro, Jardim de Augustus, Casa de Axel Munthe, Florença, almoço em Lucca, excursão pela Toscana. Enfim, Paris, Balé no Opéra Garnier. Acho que meu amor pelas palavras vem de você, vú. Da forma como você as desenha no ar com o seu sotaque gaúcho ou escreve como quem pinta um quadro. Desse amor pelas histórias, pelos livros. Quando eu perguntei: “Vó, se você pudesse fazer uma viagem, para onde você iria?” – Eu tinha certeza que você responderia Paris. Na verdade, eu queria lhe levar para Paris. Mas você disse: Ilha de Capri. E me contou sobre “O Livro de San Michele”, da casa de Axel Munthe. E lá fomos nós.

As fotos estarão ali, diante de nós, uma viagem em miniatura, nossas memórias em miniaturas. Em alguns momentos achei que era só sonho, invenção. Talvez seja. A caixa de viagem. Agora, o álbum. Vó, gostaria de lhe pedir: você me conta como foi a sua viagem? O que você lembra e o que esqueceu de cada foto? O livro de Axel Munthe, que você me deu antes de embarcarmos, está na estante. Vou ler. Eu prometo!.

“Como o o fogo da lareira num quarto, as fotos – sobretudo as de pessoas, de paisagens distantes e de cidades remotas, do passado desaparecido – são estímulos para os sonho.”
(SONTAG, 2004, p. 26)